

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO ARTES CÊNICAS – INDUMENTÁRIA

ELECTRA E CLITEMNESTRA
SOBRE AUTO DESCOBRIMENTO ARTÍSTICO

MARIA LUISA COELHO MARQUES MATHIAS GARRIDO

ORIENTADOR: DESIREÉ BASTOS

RIO DE JANEIRO – RJ
2018

Meu Projeto de Conclusão é resultado de muitas referencias que estiveram junto a mim durante toda a faculdade. A maior delas era a vontade de apresentar um trabalho sobre a mulher. Venho de uma família de maioria de mulheres e todas muito fortes e independentes que me inspiraram por toda vida, especialmente minha mãe e avó. Por isso meu mote inicial eram as amazonas. A segunda maior era a vontade de fazer um figurino que se sustentasse por si só, sem depender de uma ação. Essa é a forma que eu mais gosto de me expressar. Por isso defendo o direito do figurino de se apresentar de uma forma mais plástica, e não obrigatoriamente ligada ao teatro ou à performance.

Para começar o projeto então, fiz uma pesquisa muito extensa sobre o tema das Amazonas, mas apesar de estar muito satisfeita com o conhecimento que ela me trouxe, não consegui desenvolver um trabalho de figurino com base nela. Como nada é por acaso, grande parte do que li serviu para me ajudar a estabelecer alguns conceitos do meu futuro projeto até então não começado.

Comecei a procurar novas alternativas para meu tema quando o professor João Rosa me sugeriu algumas autoras e textos com viés feminista que encaixavam com a minha visão sobre as amazonas. Mas nenhum desses textos me tocou pessoalmente, por falarem muito de experiências que não se conectavam comigo. Repentinamente entre essas leituras me deparei com a tragédia “Electra”.

Me apaixonei pelo texto e pelas personagens Electra e sua mãe Clitemnestra. Apesar da diferença na relação entre elas duas e minha mãe e eu, fez sentido para mim trabalhar mãe e filha. Sendo duas mulheres tão fortes e determinadas, me conectei com a história.

Usei o trabalho final da matéria do professor João, “Figurino e Moda”, que consistiu em transformar a identidade de uma marca de moda em um figurino para minha peça de escolha (que foi Electra), para construir minhas primeiras impressões do texto. Pra isso fiz uma colagem que seria meu moodboard para o trabalho. Essa colagem é a primeira que apresento aqui [Imagem 1], pois apesar de ser uma fase muito inicial do projeto, contém conceitos que não se alteraram durante o processo.

Daí para frente, li todos os textos que pude que falavam sobre Electra para definir minha visão e meus conceitos e embasar teoricamente meu trabalho. Destaquei partes dos textos, buscando palavras chaves que me chamavam atenção enquanto ia lendo, para transformá-las nos conceitos que gostaria de apresentar. Um dos trechos que mais me acompanhou durante a pesquisa foi de um artigo chamado “DO

LAMENTO AO GESTO: Uma análise de Electra nas obras de Esquilo, Sófocles e Eurípedes” que dizia:

“Mundo trágico o dos homens também. Mas ao menos um mundo sonoro, em que suas vozes se fazem ouvir, um mundo de ação, em que se sabe que seus passos levam a algum lugar, mesmo que a um lugar pouco seguro. Mundo trágico porque tragado pelo monstro marinho que eles mesmos reconhecem ter criado. Ao menos a autoria identificada... menos trágico, portanto, que o das mulheres.”

Esse trecho foi fundamental para formular minha interpretação da história de Electra e sua mãe. Não existe vilã e mocinha, certo ou errado. As personagens são duas mulheres lutando para terem suas vozes ouvidas, brigando para terem suas ações consideradas num mundo dominado pelos homens. Elas são duas faces da mesma moeda. São espelho uma da outra assim como espelhos de nós, mulheres de todas as épocas.

Meu maior interesse desde o início desse projeto era mostrar a força atemporal das mulheres presente nas personagens de 400 a.C. e nas mulheres dos dias de hoje. Para poder explorar esse pensamento com maior amplitude decidi focar meus figurinos apenas nas duas personagens centrais. Mais do que contar sua história, eu queria imprimir no figurino meus estudos sobre as duas mulheres.

Dentre todos os textos que li destaquei inicialmente as palavras: Ação, Existência, Voz, Palavra, Caos, Desgoverno, Sexualidade, Incapacidade Feminina, Bestialidade e Dualidades. Esses conceitos saíram de textos que relacionavam a posição da mulher na Grécia antiga e como elas eram vistas dentro e fora do casamento, com as ações e decisões de Electra e Clitemnestra. Tudo se encaixava muito bem com minha antiga pesquisa sobre as amazonas, pois o mito que elas geraram vai contra tudo que os gregos costumavam designar às mulheres. Observamos isso nos trechos à seguir, do livro “As Amazonas: Um Estudo Sobre o Mito Ateniense”:

O mais horrível de tudo, Clitemnestra mata a seu marido, um feito julgado muito mais infame do que o assassinato de sua filha pelo esposo Agamenón. Pag. 83

Como resultado do repúdio do matrimônio por Clitemnestra, o caos se instala [...] Clitemnestra perturba o funcionamento da natureza ao matar o marido. pag. 87

Dentre as palavras que havia destacado, duas que se revelaram muito importantes para mim foram “caos” e “desgoverno”. Quando Clitemnestra mata o marido e usurpa o trono ela cria o caos, provando a incapacidade feminina de governo. Na tentativa de vingar-se Electra comete matricídio e ao invés de equilíbrio gera mais caos na visão dos gregos. A meu ver, as duas mulheres estão assumindo o controle de suas vidas e fazendo o próprio destino. Mas como representar todos estes sentimentos no figurino?

Comecei pesquisando pelo artista plástico Tunga, sugerido pela minha orientadora. Fiquei encantada com seus trabalhos com fios e tranças, que trariam a morbidez necessária a uma tragédia. A trança era um elemento presente no meu imaginário sobre Electra desde a minha primeira colagem. Dentre as várias metáforas que podem ser atribuídas, duas simbologias me interessavam: a trança tanto representa força, quanto o laço que se cria quando a mãe penteia o cabelo da filha. Decidi trabalhar com tudo que envolvesse fios. Trançados, nós, crochês, trazendo a ideia de um fio que se faz, refaz, desfaz eternamente até que se decida finalizar, como as moiras fazem com o fio da vida. Também pode se estabelecer uma relação com o cordão umbilical.

“A Moira, o acaso, é a responsável pelo destino do herói; é a Moira que impede ou concede à divindade o auxílio ao herói no campo de batalha. Cabe ressaltar, portanto, a presença não só do caos, como também do acaso, que se impõe nas tragédias gregas, como um dos elementos que caracterizam o trágico grego.”

Durante a busca dos fios e nós desse trabalho, passei por muitos artistas. Entre eles: Tunga, Nelly Agassi, Eva Hesse, Sônia Gomes e Marina Abramovic. Encontrei neles muitas simbologias que me acompanharam na criação da forma do figurino, principalmente na ideia da ligação das duas roupas e conexão das duas personagens. [Imagem 2]

Procurei minha paleta de cor na natureza pois queria cores fortes, e a encontrei numa espécie de borboleta convenientemente chamada Hypna Clitemnestra [Imagem 3]. Desde o início eu tentei encaixar a imagem de uma borboleta em alguma parte do

projeto. Primeiramente porque elas são metáfora para uma transformação dolorosa, conceito que muito conversa com Electra e Clitemnestra. Depois, era importante para mim que elas representassem o caos, conceito muito importante da pesquisa. Na mitologia grega o Caos é considerado o deus primordial do universo, a mais velha forma de consciência divina. É irmão de Gaia, Tártaro e Eros e é frequentemente considerado uma força sem forma ou aparência. O poeta romano Ovídio foi o primeiro a atribuir a noção de desordem e confusão à divindade Caos. Isso porque ele seria o contrário de seu irmão Eros cujas criações vinham de fusões de elementos. Já as suas vinham de cisões, por isso todo o universo vivia em constante desordem. Todos os elementos necessários para a criação ficavam dispersos. Daí pra frente a palavra caos assumiu significados mais amplos, até mesmo na ciência onde a ideia inicial da “Teoria do Caos” diz que uma pequena variação nas condições em determinado ponto de um sistema dinâmico pode ter consequências de proporções inimagináveis. O bater de asas de uma borboleta no Brasil pode provocar um furacão no Texas. Por causa disso as borboletas se transformaram em um símbolo na cultura popular para o caos.

Decidi estender a simbologia da borboleta para além da paleta. Procurei nos casulos uma textura para o vestido que seria a base da roupa. Também usei a ideia de uma roupa que estivesse em construção no corpo, todas as suas partes ainda se formando, como um casulo propriamente.

Durante o desenvolvimento do projeto muitas ideias e referências não se sustentaram. Isso porque muitas dessas ideias estavam limitando o figurino. Em certo ponto do projeto por exemplo, me inspirei em fotos antigas da minha avó para elementos do figurino como cintos para marcar a cintura, golas, mangas, comprimento das saias. Mesmo já tendo decidido inicialmente que não queria representar nenhuma época específica, esses elementos que pareciam estar agregando, estavam limitando a idealização do figurino. A inspiração nos figurinos da Pina Bausch para o movimento das saias também foi uma dessas referências.

Foram necessárias muitas alterações nos croquis iniciais até encontrar um formato que pudesse me levar a um resultado final apropriado. Mas acabei percebendo que não consegui representar no desenho algumas ideias mais complexas. Daí em frente comecei a fazer experimentações diretamente no manequim e iniciei a construção da roupa. Fiz amostras de materiais e experimentei técnicas para dar mais peso dramático ao figurino, deixando-o mais Dionisíaco. O caos e o lado selvagem

precisavam estar mais evidentes, então a escolha de misturar materiais mais orgânicos que traziam a ideia da ligação da mulher com Gaia pareceu interessante. Também foi utilizando diretamente o manequim que comecei a procurar maneiras mais eficazes de ligar os fios dos dois figurinos e expandir as ideias do papel.

O produto final do figurino foi resultado de um ano de muita pesquisa, descobertas, desafios internos e externos e muito trabalho manual. Cada obstáculo, tanto de construção quanto de criação, me ajudaram a desenvolver meu trabalho artístico de formas inimagináveis anteriormente. Com isso também abri meu olhar para outras formas de processo criativo e de expressões artísticas. No fim, Electra e Clitemnestra me ensinaram muito sobre questões artísticas, existenciais, filosóficas e sociais que estão representadas nos dois figurinos aqui apresentados.

Imagens Anexadas

[Imagem 1]



[Imagem 2]



[Imagem 3]



Bibliografia

(C. 485 A.C. -406 A.C.), Eurípedes. **Electra** . [S.l.]: Clássicos Jackson, 2005. 93 p. v. XXII.

TYRRELL, William Blake. **As Amazonas** : Um estudo sobre o mito ateniense. México: Breviarios, 1989. 240 p.

HERNANDEZ DI GIORGI, Ana Lucia. **Do Lamento Ao Gesto** : Uma Análise de Electra nas obras de Esquilo, Sófocles e Eurípedes. 5. 1993. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2452>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

CABALLERO, Cecília. **A Gênese da Exclusão** : O Lugar da Mulher na Grécia Antiga. 1999. 10 p. Dissertação (Mestre em Direito)- Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 1999.

LORAU, Nicole. **Maneiras Trágicas de Matar uma Mulher** : Imaginário da Grécia Antiga. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda., 1988. 140 p.

Electra e Clitemnestra

Maria Luisa Coelho Marques Mathias Garrido

Orientadora: Desireé Bastos

Co-orientador: Antônio Guedes

“Mundo trágico o dos homens também. Mas ao menos um mundo sonoro, em que suas vozes se fazem ouvir, um mundo de ação, em que se sabe que seus passos levam a algum lugar, mesmo que a um lugar pouco seguro. Mundo trágico porque tragado pelo monstro marinho que eles mesmos reconhecem ter criado. Ao menos a autoria identificada... menos trágico, portanto, que o das mulheres.”

Início do projeto

- Pesquisa inicial sobre as Amazonas
- Figurino Plástico
- O texto Electra

Electra x Clitemnestra

- Foco nas duas personagens
- Ser mulher na Grécia antiga
- Palavras-chaves do projeto

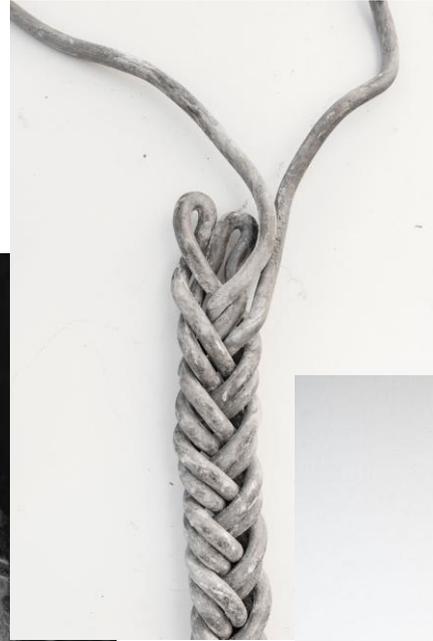
- Ação
- Existência
- Voz
- Palavra
- Caos
- Desgoverno
- Sexualidade
- Incapacidade Feminina
- Bestialidade
- Dualidades

O Caos

“Como resultado do repúdio do matrimônio por Clitemnestra, o caos se instala [...] Clitemnestra perturba o funcionamento da natureza ao matar o marido.”

Referências Visuais

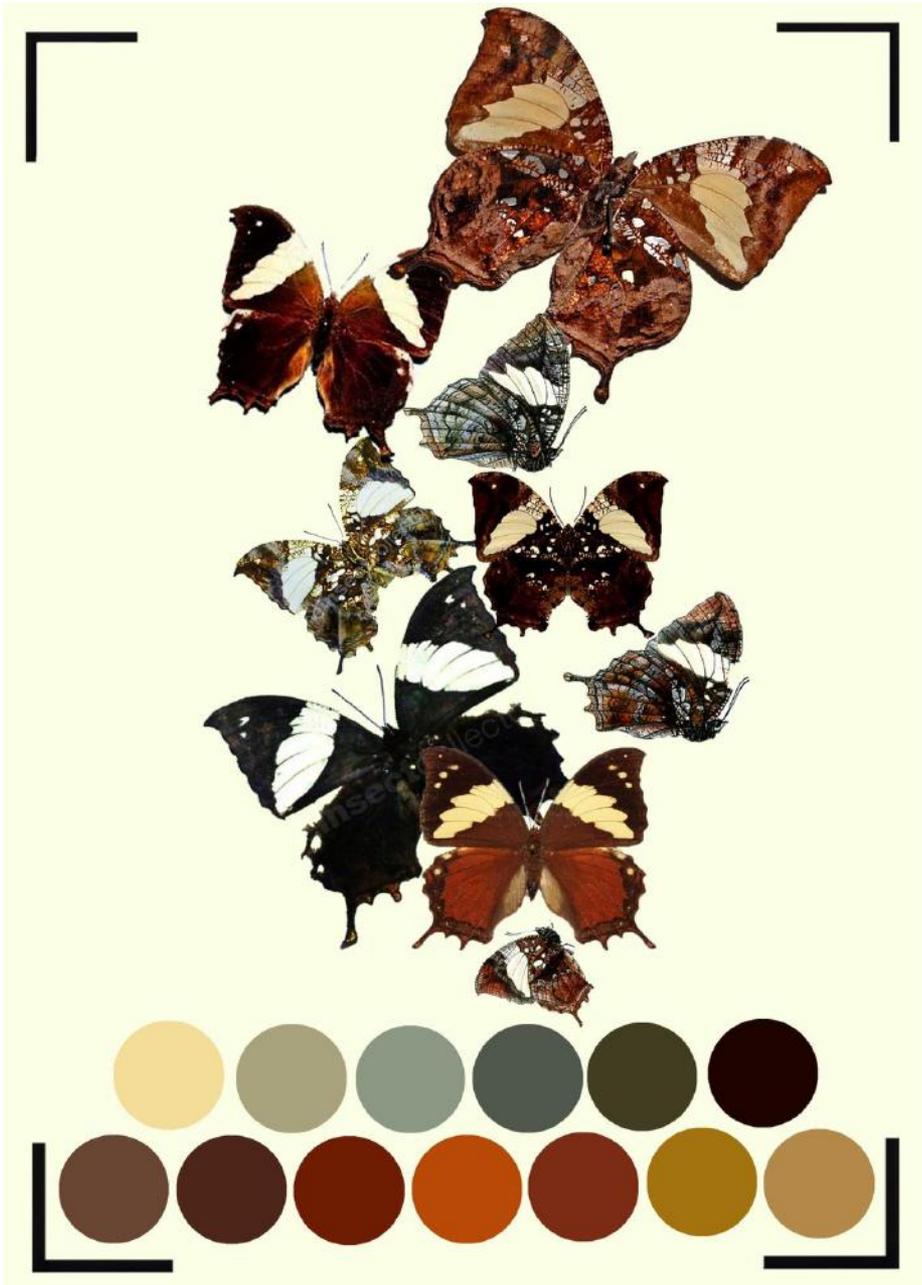
- Tranças do Tunga
- Nós e crochês
- Fios





Paleta de Cor

- Hypna Clitemnestra e a Simbologia do caos e da borboleta
- Ligação com a natureza



Construção do figurino

Croquis Iniciais



CLITEMNESTRA X ELECTRA

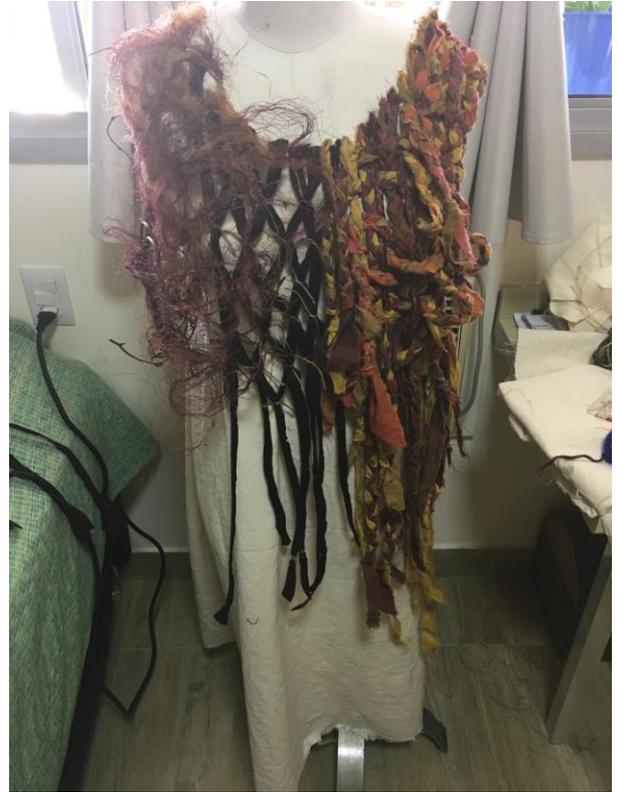
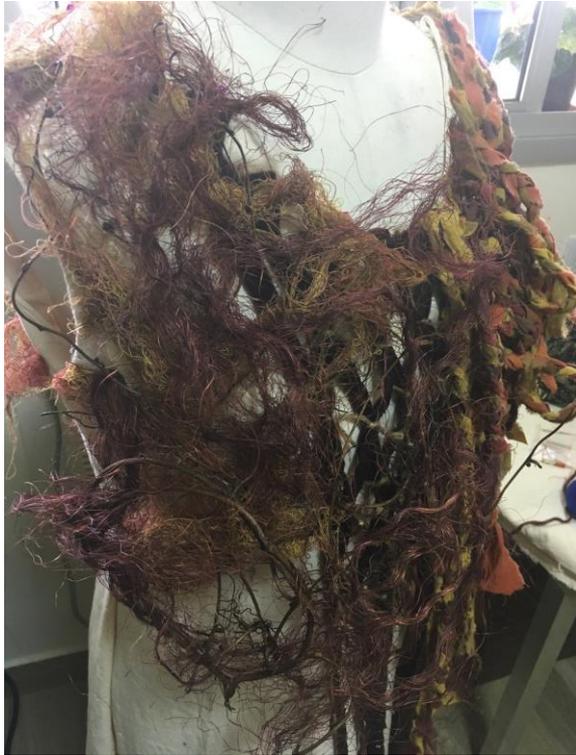


CLITEMNESTRA X ELECTRA

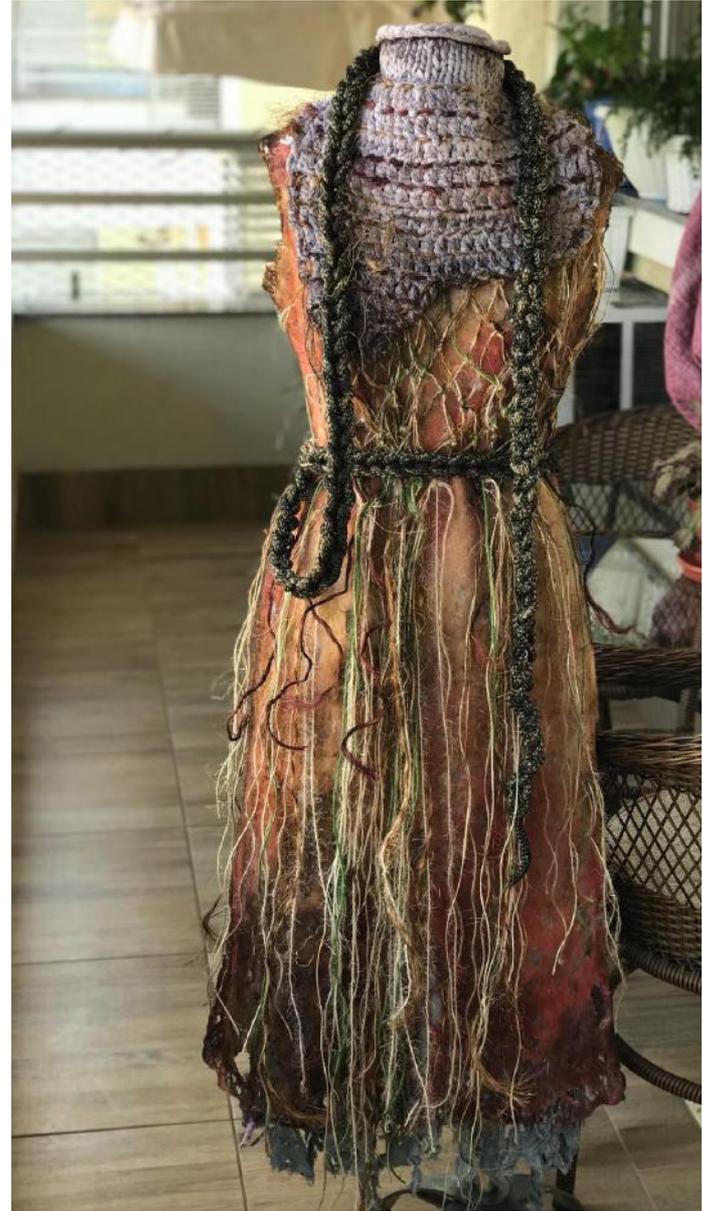
Primeiras Experimentações







Figurino Final





Obrigada!